

OCCIDENTE

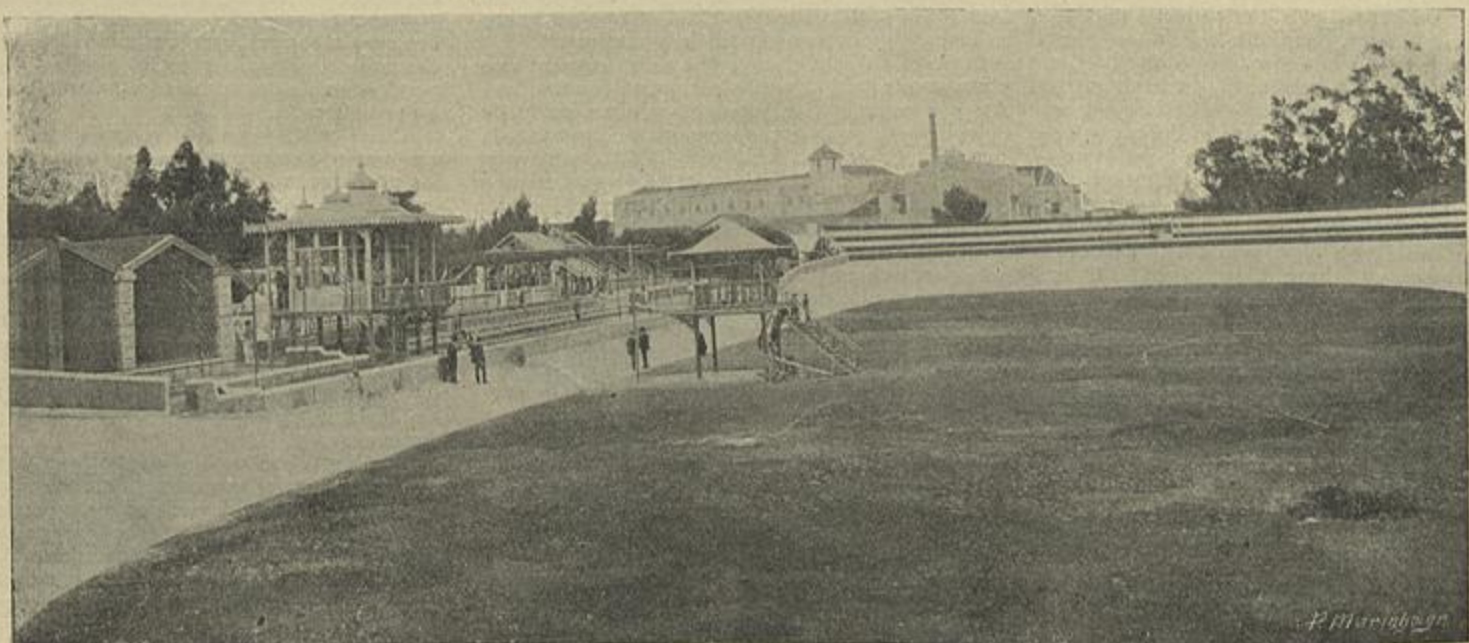
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 957	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 DE JULHO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

O Velodromo de Palhavã



A TRIBUNA REAL, NA CORRIDA DE 9 DO CORRENTE



VISTA GERAL DO VELODROMO DE PALHAVÃ

Chronica Occidental

Por um triz não começo hoje a minha chronica, arriscando-me a lembrar a fabula muito celebre do *Monte parindo*. Ia falar de imperadores, ia annunciar que outras mais testas coroadas tambem me haviam de fornecer assumpto.

Com tal principio, em que atrapalhações não me havia de eu ver, ahi pelo meio, quando o fim de julho em que estamos me apresentasse inteiramente brancas as paginas da minha carteira de apontamentos!

Diz-se dos hespanhoes que não gostam de ver bons principios aos filhos. Não sei ao certo o que quer n'esta frase dizer principios, nem se tem essa opinião os nossos visinhos; mas que o dito tem muitas applicações, d'isso ninguem duvida e muito menos os fazedores de sonetos e chronicas.

Ora pois, começaria eu falando de Guilherme da Allemanha e de Nicoláo da Russia, com grande pompa, e como havia eu de acabar estas linhas, com que nova de grande surpresa ou com que ineditas considerações sobre o que vai por esse mundo fóra?

E' preciso mão de redea em cavallarias altas, tanto mais que quem tem filhos, rapazes ainda, estes o absorvem completamente em tão máo tempo e exames em que as noites de insomnia são pelo menos trinta e uma n'este comprido mez de julho.

O lycêu, a reforma dos estudos, a fôrma dos exames, tudo o que se refere a este gravissimo assumpto de instrução, é o pesadêlo que nos esmaga e de que os governos, mais não fosse do que por simples caridade, nos deviam, quanto possível, alliviar.

Ainda ha bem poucos dias, o *Seculo*, sob o titulo *Lyceu*, se referia em artigo de fundo a esta questão e aos trezentos e oito contos de réis já enterrados na antiga cêrca do convento de Jesus, em allicerces d'um edificio que não cresce e que livraria os nossos filhos das espeluncas, onde, sem ar e sem luz, vão passando sua mocidade bem digna de melhor sorte.

Diz o *Seculo* quasi no fim do seu artigo: «Os nossos filhos, as gerações de que ainda é licito esperar alguma coisa, continuam a fornecer ao paiz creaturas sem cultura pratica, sem consistencia de character e sem o necessario desenvolvimento physico, incapazes de se aguentarem, na lucta pela vida, cuja inclemencia redobra á medida que as populações augmentam, a instrução se generalisa e as terras vagas diminuem.»

E, falando em tal, não estamos muito longe do assumpto por onde pensarmos começar. Soberano tambem é o povo quando tenha para isso os elementos que os governos não querem ou não podem fornecer-lhe.

Ainda não ha muito, não sei agora a que proposito, eu escrevia para o Brasil a respeito do velho povo portuguez e lembrava a aventura gloriosa de Fernão Vazquez, quando, em nome do povo que o acompanhava, falou sobranceiro a El-Rei D. Fernando, com respeito a seu casamento.

Pagou na forca a audacia, mas, agora que de tantas estatuas se fala, dizia eu, quem mais o merecia do que esse modesto alfaiate, cujo nobre exemplo tão gloriosamente deu seu fructo na aclamação do Mestre de Aviz?

Passal-o d'uma forca para um pedestal não seria um acto de justiça, quando a lisonja tem posto em pedestal tantos que armaram forcas?

Mas estes pagam-o ás vezes; haja vista o autocrata russo, que, depois de muitas hesitações, se certo é o que de sua vida nos teem descripto os ultimos telegrammas, resolveu consultar seu poderoso parente e visinho o Imperador Guilherme.

A primeira entrevista, conforme telegramma de S. Petersburgo, effectuou-se ás dez horas da noite, a bordo do *Estrella Polar*, aonde o Imperador se dirigiu. Durou uma hora. Logo depois o Czar foi a bordo do *Hohenpollern* pagar a visita e demorou-se conversando com o Imperador até á uma e meia da madrugada.

Todos os politicos atribuem grande importancia a esta entrevista de Bjoerkoe, embora ninguem possa dizer positivamente o que se passou entre os dois monarchas. Seria assumpto principal a guerra com o Japão ou haverá intervenção das forças allemãs para manter á forca o Czar da Russia n'um throno que todos sentem cambalear?

Onde esteja o imperador Guilherme está sempre com elle um enigma.

Jornaes de Londres dizem que a entrevista teve por fim tratar de isolar a Inglaterra e de unir a Russia com a Allemanha.

Renova talvez o Imperador o sonho que teve Napoleão.

Entretanto os navios de Eduardo VII vão coahando o Oceano. As duas formidaveis esquadras do Atlantico e do Mediterraneo reunir-se-hão para manobras na bahia de Lagos, n'um dos primeiros dias de agosto. São quarenta navios de grande tonelagem, que serão acompanhados por outros auxiliares e torpedeiros e contra-torpedeiros. El-Rei, sr. D. Carlos, de bordo do seu *yacht* assistirá ás manobras.

Tudo isto fará com que algumas boas libras fiquem em Portugal, e muitas mais haveriam de ficar se não fossem os portuguezes quasi de todo falhos á bossa do commercio.

Fala-se muito em atrahir estrangeiros, mas não passa isso em geral de rhetorica, pois que, nem quando elle já cá está, o sabem demorar.

Thema principal tem sido agora de conversações e artigos a abolição dos passaportes, que tamanhos incommodos causam aos que pretendem sahir do reino por via maritima.

Os tormentos do Lazareto diz-se que tambem vão ser abolidos. Tudo assim seriam maiores commodidades para os que nos viessem visitar, mas ainda não seria o bastante.

Lisboa, como, aliaz, o resto do paiz, havia de preparar-se para receber seus hospedes e não teria pouco que fazer para isso. Lisboa como vai não vai bem, infelizmente. Falará sobre a questão o architecto sr. Adães Bernardes, que é uma auctoridade: «A absoluta inconsciencia em que vive a grande maioria dos cidadãos portuguezes, acerca do valor moral, educativo, social e economico da arte, torna possiveis numerosos erros, abusos e vandalismos, indignos d'uma nação que se pretende culta, e evidenciados na deturpação ou ruina de interessantes monumentos, na banalização dos novos bairros, que tanto poderiam ter contribuido para o embelezamento das novas cidades, no peijamento das praças e avenidas de grande circulação com ignobeis abarracamentos que se eternizam, e na profanação e inutilização de logares que deveriam ser sagrados e excepcionalmente bellos, n'um paiz fadado para ser o mais bello do mundo, multiplicando-se por toda a parte esses exemplos, qual d'elles o mais perverso do bom gosto e prejudicial á riqueza publica.»

Afirma-o quem tem o direito de affirmar-o.

A primeira condição para que uma cidade possa atrahir estrangeiros, é o de ser bella, e não só bella, mas característica.

Commodidades e belleza eis o principal. Tudo mais é secundario, inclusivamente, a permissão ou prohibição do jogo, que tão discutido outra vez vai sendo pelos jornaes, ainda que muito pacatamente, como convem agora n'estes calores intensos do mez de julho e até com calores maiores nas roletas d'essas praias, por ahi fóra até Cascaes.

E' que tudo se faz agora com a serenidade n'esta nossa terra. Nem parece que já anda tão perto a abertura das camaras. Tudo aqui é socego, quando na vizinha Hespanha anda tudo em effervescencia. Vejam os motins de Salamanca, diga-o o vereador republicano sr. Martinez Veira, partidario do arrendamento do imposto dos consumos de Salamanca, que, aggreido pelos grupos populares assaltando as repartições municipaes, se viu obrigado a saltar pela janella. Fracturou os ossos na queda e ainda foi, depois d'isso, barbaramente maltratado. Na Russia o congresso dos zemstvos conseguiu por tal forma impressionar a opinião que muitos affirmam ter sido este o assumpto principal da conferencia dos imperadores.

Pará estes é que os tempos não correm que elles possam gabar-se de ser ás mil maravilhas. Até o intrujão do Sahará, invocando sua qualidade de soberano, se queixa amargamente em vista da sentença de condemnação proferida contra elle pelo tribunal do Sena por falta de pagamento aos seus marinheiros. Para mais desesperar Thiago I, as auctoridades não consentem que sua amante se intitule imperatriz. Um verdadeiro desastre, pobre sr. Lebaudy!

Só por aqui é que tudo é socego por emquanto. O verão continua a mimosear-nos com um sol esplendido, até ás vezes esplendido demais. Manhãs e tardes são deliciosas. Estamos no tempo das festas ao ar livre, dos cyrios, dos araias, das toiradas.

Estas sobretudo tem dado que falar, e, mais que todas, a que no passado domingo se effectuou em Villa Franca, com a assistencia do sr. D. Carlos, que foi bizarramente recebido em casa do opulento lavrador, sr. José Palha. Pena foi que o cavalleiro Luiz do Rego, logo depois do primeiro ferro, quebrasse a perna esquerda, de encontro ás taboas. Uma nodoa no esplendor da festa.

Assim o verão continue. O socego é a felicidade.

JOÃO DA CAMARA.

O VELODROMO DE PALHAVÃ

PROVA ANNUAL DA UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA

Com a assistencia de S. M. El-Rei D. Carlos e S. S. A. A. o Principe D. Luiz Filippe e Infante D. Manuel, teve logar, em 9 do corrente, no Velodromo de Palhavã, a prova annual da *União Velocipedica Portuguesa*, para disputar o titulo de campeão cyclista de Portugal.

A victoria coube ao sr. José Bento Pessoa, cyclista experimentado, vencedor em outras corridas de afamados cyclistas.

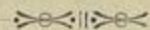
Houve 8 corridas sendo a primeira dividida em 2 series. A ellas concorreram os cyclistas srs. Conelli, Messori, Miquel, Lopes, Couto, Pinto Adelin, Buisson, Ingold, Mathieu, Carapezzi, Inchado, Rodrigues e José Bento Pessoa, que foi entusiasticamente aclamado como o campeão de Portugal.

Vae acentuando-se em Lisboa o gosto por estas corridas mais uteis e civilisadoras que as toiradas, as quaes parece tiveram o seu tempo, tendendo a desaparecer, por falta de materia prima, touros e toureiros.

E' a evolução do tempo que vae reformando usos e costumes, substituindo-os por outros novos, segundo o pensar e as aspirações da época.

Ha meia duzia de annos ninguem em Portugal pensava n'estas e outras diversões do *sport*, e hoje Lisboa já tem um velodromo que rivalisa com os melhores da Europa, devido á iniciativa particular, á vontade inquebrantavel de tres entusiastas da velocipedia, os srs. José Eduardo d'Abreu Loureiro, Fernando Belard da Fonseca e Frederico Carlos Rego.

O novo velodromo tem a pista revestida de cimento com um perimetro de 333,33 metros. As viragens estão estabelecidas de modo que permittem a velocidade de 80 kilometros á hora. Tem tribuna nas viragens, alem da tribuna real que, como se vê pela gravura, é ampla e muito elegante. Coreto para musica em frente da tribuna real. A *pelouse* nivelada com as *rectas* da pista. Camarotes e palanques. Os espectadores de pé teem logar n'um plano inclinado, que permite a todos desfructar o espectáculo do mesmo modo, tanto aos da frente como aos da retaguarda. Restaurante com terraço onde se póde estar á mesa desfructando todo o espectáculo. Emfim o novo velodromo, a par de todas as commodidades, revela o bom gosto de quem dirigiu a sua construcção, e dotou a capital com um melhoramento importante como só o teem as grandes cidades da Europa.



O «ARAGON»

NOVO PAQUETE DA MALA REAL INGLEZA

A convite dos srs. James Rawes & C.ª agentes em Lisboa da Mala Real Ingleza, visitámos no dia 17 do corrente o paquete *Aragon* de passagem no Tejo para os portos do Brasil e Buenos Ayres.

A antiga companhia Mala Real Ingleza que possui os melhores paquetes da carreira do Brasil dotou agora a sua esquadra com um novo vapor o *Aragon*, que é uma verdadeira maravilha da construcção naval, como tivemos occasião de vêr, tanto nas dimensões, como na perfeição e força das suas machinas, e sobre tudo na riqueza e luxo das suas camaras, camarotes e todas as mais dependencias de um navio especialmente destinado a passageiros.

E' das coisas mais bellas para vêr o interior de um navio d'este genero, e quem tem feito n'elles a passagem do Atlantico sabe bem como ali quasi se esquece que vae sobre o salso mar, taes são as commodidades e luxo de que se acha rodeado.

Mas por muito que conheça este genero de embarcações, estes palacios fluctuantes, prodigios das construcções navaes, ficará decerto maravilhado ao entrar no *Aragon* cuja riqueza e arte rivalisa com os mais afamados *yachts* de recreio dos soberanos ou de algum americano milionario, levando a estes a vantagem das suas enormes dimensões.

Logo que se entra no *Aragon* desce-se por uma espaçosa escada, luxuosamente decorada, para o salão geral da 1.ª classe, que é tambem salão de concertos, de bella obra de talha em madeira a branco e dourados, o pavimento coberto de ricos tapetes turcos, rica mobilia correspondente, piano e ao fundo uma bibliotheca para uso dos passageiros. Este salão mede uns 12 metros de comprimento por 10 de largo.

A seguir a este salão é a sala de fumo, com-

moda e luxuosa, guarnecida de talha em madeira e placas de faianças hollandesas representando vistas panoromicas, tendo tambem uma vista da cidade do Porto. O tecto de vitraes e o chão em lindo *parquet*. Ao lado de fóra d'esta sala ha como que uma galeria ao ar livre onde tambem se fuma e joga. Dos lados e ao longo do navio, ha outras galerias ao ar livre onde os passageiros podem passear. Esta commodidade, só a offercem os grandes paquetes das carreiras entre a Inglaterra e a America do Norte.

No convez superior ha um grande espaço reservado para jogos gymnasticos, tanto para homens como para creanças.

Os camarotes, além de relativamente espaçosos, offercem todas as commodidades de um quarto de cama luxuoso, de paredes e tecto brancas, em estuques relevados, apainelados de estofos de seda, havendo camarotes mobilados de sophás, cadeiras, escrevaninhas, grandes espelhos, etc. Estes são camarotes de luxo.

O mais rico d'estes camarotes foi occupado pelo ex-presidente da Republica Argentina sr Pellegrini, que seguiu viagem para Buenos Ayres.

Em todos os recintos do *Aragon* ha luz electrica e além d'isso em cada camarote ha um apparelho electrico com lampada portatil que permite ao passageiro ler na cama ou ter mais luz do que a fornecida ordinariamente.

Casas de banhos, lababos, n'uma palavra tudo que a hygiene, a commodidade e o luxo podem exigir, de modo que o mais commodista passageiro nada tenha a extranhar na viagem.

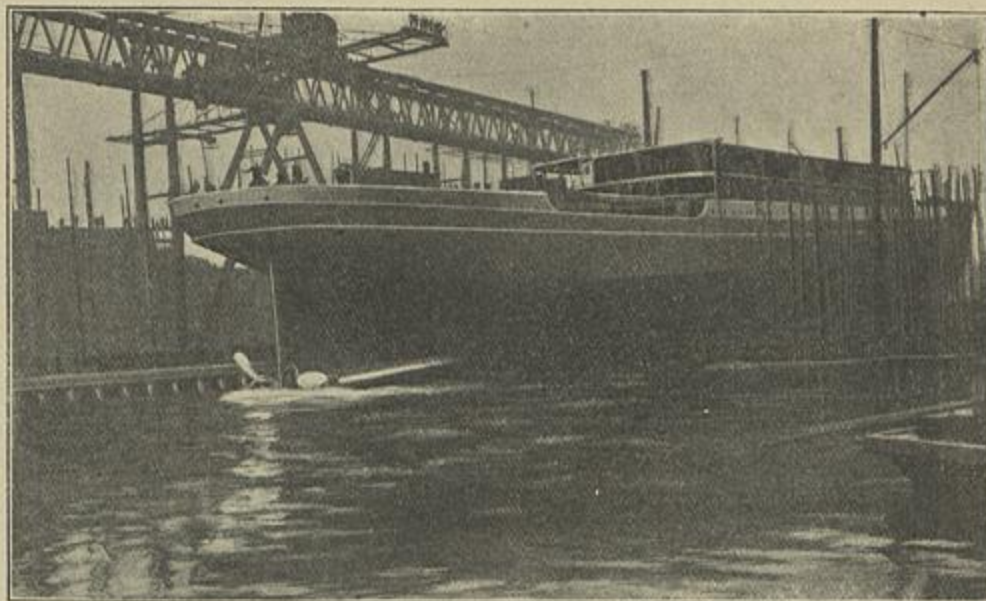
O salão de jantar é principesco, havendo tambem uma sala de jantar para as creanças.

Sala de barbear e cortar cabellos; lavanderia a vapor e para engomar; gabinete photographico, etc. etc.

A segunda classe offerce do mesmo modo grandes commodidades aos passageiros, e os camarotes, sala de jantar e todas as mais dependencias, ornamentadas com riqueza e gosto.

A terceira classe é tambem das melhores que temos visto em paquetes, offercendo as commodidades relativas.

N'um paquete como o *Aragon* pode-se viajar por prazer, tal é a impressão que nos deixou da visita que lhe fizemos.



O «ARAGON», NO ESTALEIRO, VISTO DE PÓPA

ormatos especiaes e telhas, e dois cylindros de endurecimento de 2^m de diametro (auto-claver) fabricados por Cardoso, Dargent & C.^a, de Lisboa, assim como os vagonetes que transportam os productos para dentro dos cylindros.

No fabrico dos tijolos e telhas silico-calcarios emprega-se a areia siliciosa e a cal viva, esta na percentagem aproximadamente de 80% e agua, que varia conforme o estado de securada da areia; esta massa é submettida a uma pressão de vapor de 3 atmosferas a qual dá á massa a temperatura approximada de 150° centigrados. Depois de 20 minutos de amassadura, a massa é deitada sobre umas calhas, que a distribuem pela prensa dupla, onde é fortemente calcada em fórmulas de molde de tijolos regulares, e assim são estes metidos nos cylindros de endurecimento, onde são sujeitos a pressão de vapor de 10 atmosferas por espaço de 10 horas, findas as quaes estão os tijolos promptos para serem empregados.

Este material assim fabricado apresenta incontestaveis vantagens para as construcções, em que está operando uma revolução, não só pelas suas excellentes qualidades mas ainda pela modicidade do preço, o que faz com que esteja sendo empregado de preferencia a qualquer outro, como já se está vendo em muitas obras.

O obter construcções solidas e baratas é hoje, no nosso paiz, um problema que urge resolver em vista da carestia das casas, por isso bom é que se vão introduzindo todos os processos mais modernos de resolver aquelle problema.

Estes tijollos são já uma vantagem, mas outros

meios ainda ha de facilitar e baratear as construcções, como por exemplo os feltros impermeaveis e incombustiveis que se empregam na Allemanha nas divisões das casas, em vez de tabiques de madeira e estuques, etc.

Folgamos de poder relatar aos nossos leitores mais este progresso, que importa grande economia para as construcções, e que a Empresa Ceramica de Lisboa introduziu em Portugal, como ha 20 annos introduziu a denominada telha de Marselha de reconhecida vantagem.

Centenario de Pina Manique

(Concluido do n.º 956)

E' deveras assombroso o desenvolvimento que attingiu a Casa Pia.

Alem da aula de primeiras letras, estabeleceram-se cadeiras em que se professavam sciencias e linguas estrangeiras, para a regencia das quaes foram chamados professores eminentes.

No ramo de sciencias mathematicas e physico-naturaes estabeleceram-se as seguintes aulas;

Mathematica, ensinada por José Anastacio da Cunha, que accumulava a regencia d'essa cadeira com a superintendencia dos estudos.

Este sabio professor escreveu, para uso de seus alumnos, um compendio de arithmetica, a

Fabrica de tijolos, silico-calcarios da Empreza Ceramica de Lisboa

Em 1885 registrou o OCCIDENTE (1) em suas paginas o estabelecimento em Portugal de uma nova industria ou fabrico de telha, processo de Marselha, como é vulgarmente conhecida, pela Empresa Ceramica de Lisboa, empresa industrial que então se organisou sob a direcção dos srs. Ricardo Loureiro, Eduardo Lupi e Carlos Bandeira de Mello, que estabeleceu a sua fabrica em umas terras da quinta do Bahute, proximo ao cemiterio occidental, por ter ali a materia prima de que caricia, *marnes argilosas*.

Deste modo se vulgarisou em Portugal a telha denominada de Marselha, hoje vantajosamente empregada nas construcções.

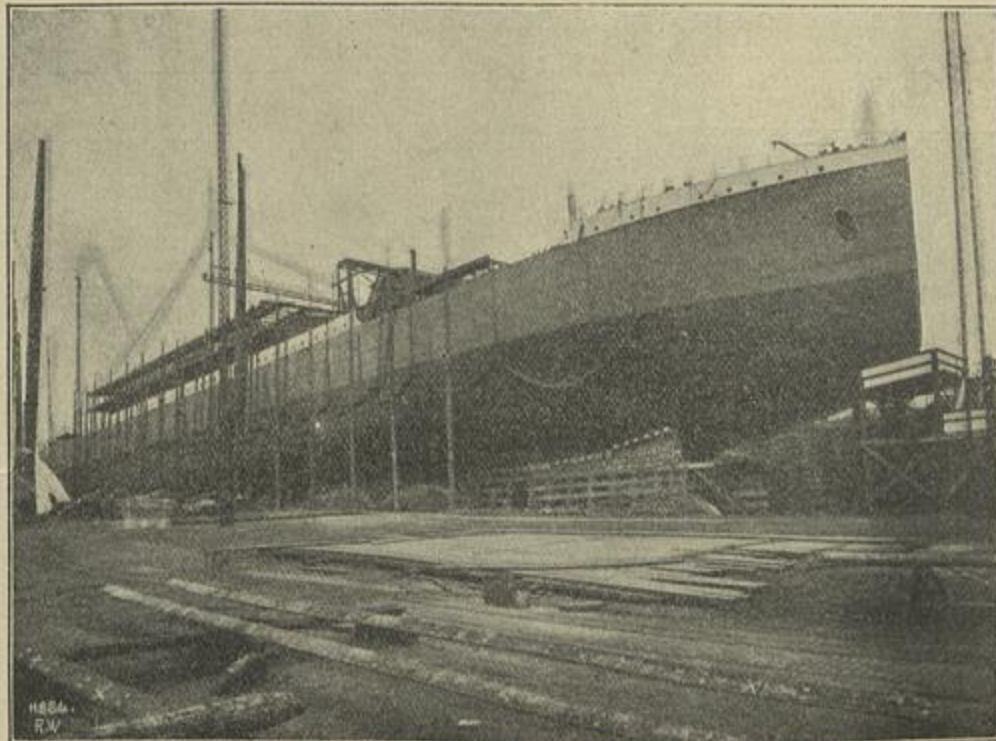
Poucos annos vão decorridos depois da introdução d'esta industria no nosso paiz, e já no anno passado a Empresa Ceramica de Lisboa, tendo procedido a demorados estudos, resolveu adquirir o privilegio de fabricar um novo material para construcções, de blocos, tijolos e telhas, silico-calcarias, de ha muito usado na Allemanha com bom resultado.

Para este fim fundou uma nova fabrica n'um terreno adjacente á estrada que vae do Seixal a Azeitão, proximo de Coina, local escolhido por ali encontrar a principal materia prima necessaria para o fabrico, a areia siliciosa, de grão fino, aspero e pura ou quasi pura.

Com machinismos especiaes, vindos de Zürich estabeleceu a fabrica em dois grandes barracões occupando uma area de 25^m x 25^m aproximadamente.

Num dos barracões installou o gerador de vapor, Babcock Wilcox, com 132^m de superficies de aquecimento, um motor a vapor, Sächsische Maschinen fabrik, vorm Rich Hartmam Aktiengesellschaft, da força de 45 a 60 cavallos, e um moinho de bolos suizo para polverisar a cal viva que faz parte do fabrico.

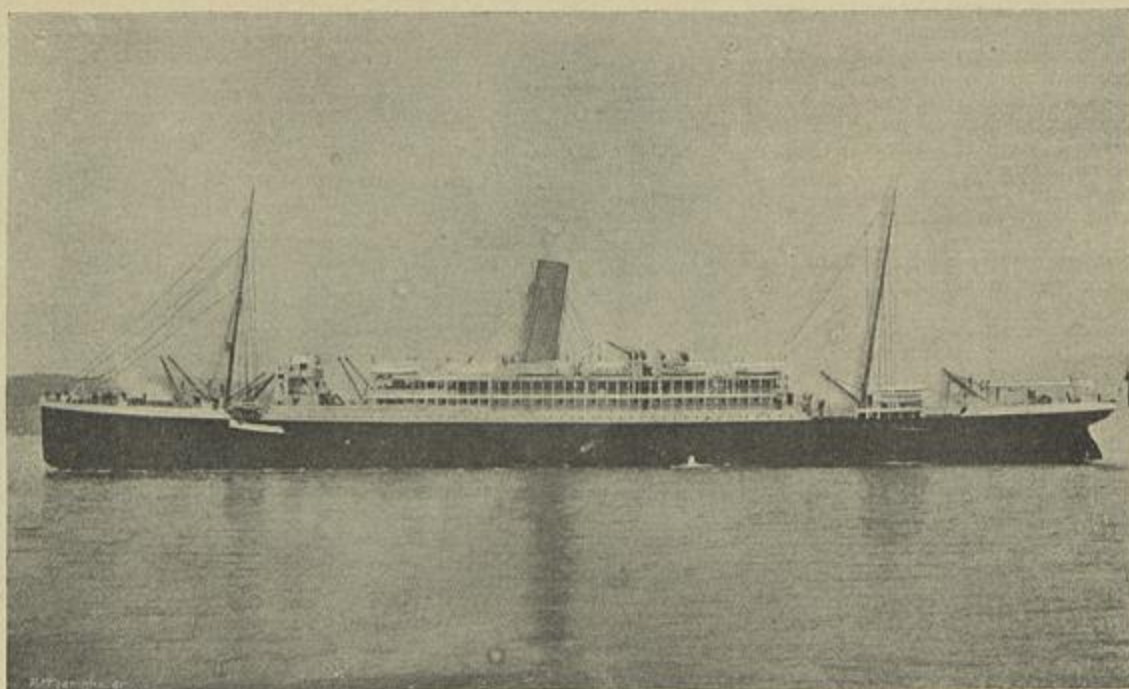
No outro barracão está o amassador, a prensa dupla para a fabricação de tijollos ordinarios, uma prensa de ralação para tijolos de fachadas de



O «ARAGON», NO ESTALEIRO, VISTO DE FRÕA

(1) Vide o OCCIDENTE n.º 248 vol. VIII pag. 251 a 258, 1885.

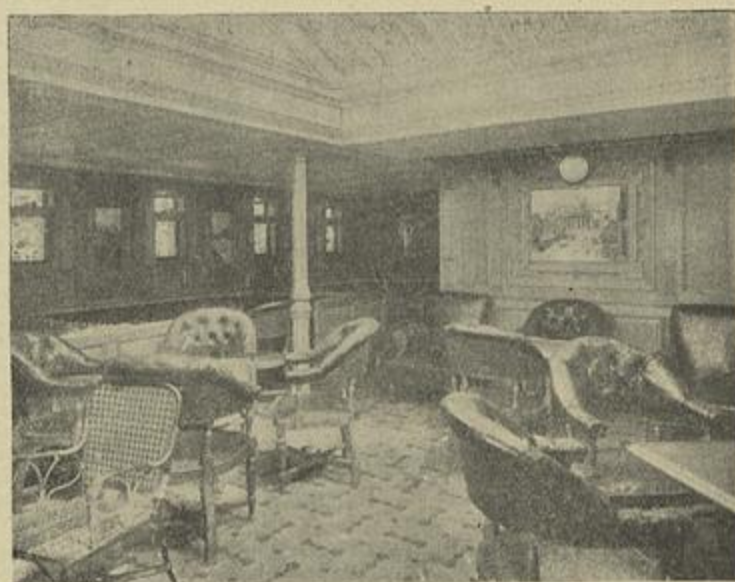
6 novo paquete "Aragon," da Mala Real Inglesa



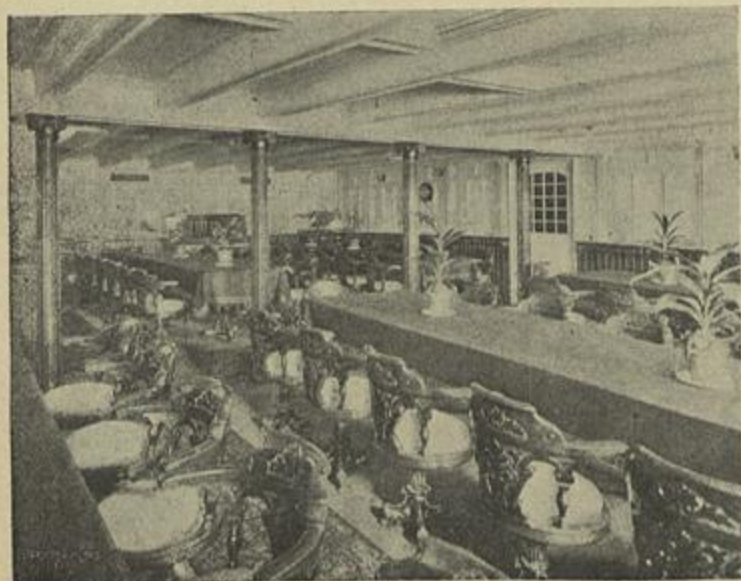
O PAQUETE «ARAGON» NO TEJO



O SALÃO DA 1.ª CLASSE



O SALÃO DE FUMO



SALA DE JANTAR DA 2.ª CLASSE

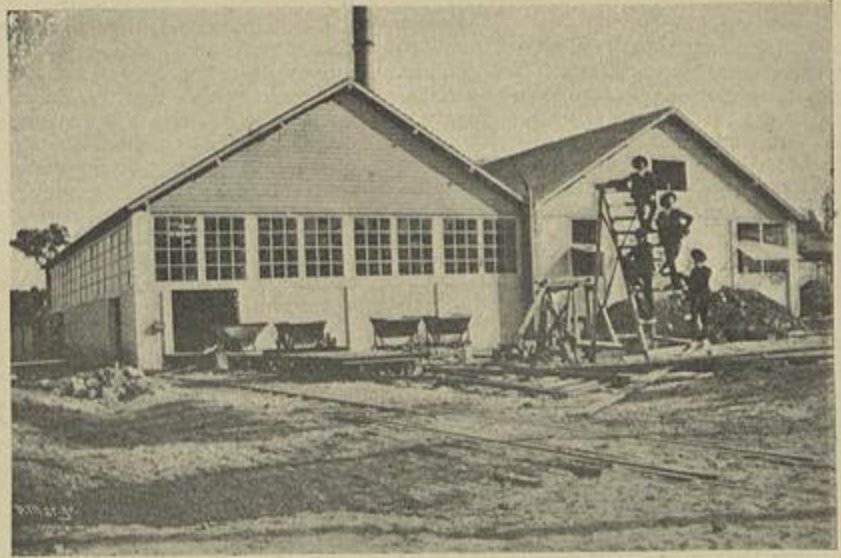


UM CAMAROTE DE LUXO

Fabrica de tijolos silico-calcareos da Empresa Ceramica de Lisboa



CARLOS BANDEIRA DE MELLO
FUNDADOR DA EMPRESA CERAMICA
DE LISBOA



FABRICA DE TIJOLOS SILICO-CALCAREOS
VISTA EXTERIOR

melhor obra que sobre tal materia se tinha publicado em Portugal até áquella época. Foi impressa por conta do estabelecimento.

Chimica, com suas applicações á metalurgia, á agricultura, á tinturaria e á pharmacia; foi regida pelo Dr. Manoel Joaquim Henrique de Paiva.

Artilheria e fortificação, regida pelo coronel Francisco Ferrer.

Astronomia, regida pelo official de artilheria Custodio Gomes Villas Boas. Este abalisado mathematico foi o traductor do *Curso mathematico*,

de Bezout, o qual se usou em nossas aulas de arithmetica e algebra até ha poucos annos.

Optica, regida por Vicente Antonio de Oliveira. Mais tarde foi este professor nomeado lente da Academia de Fortificação.

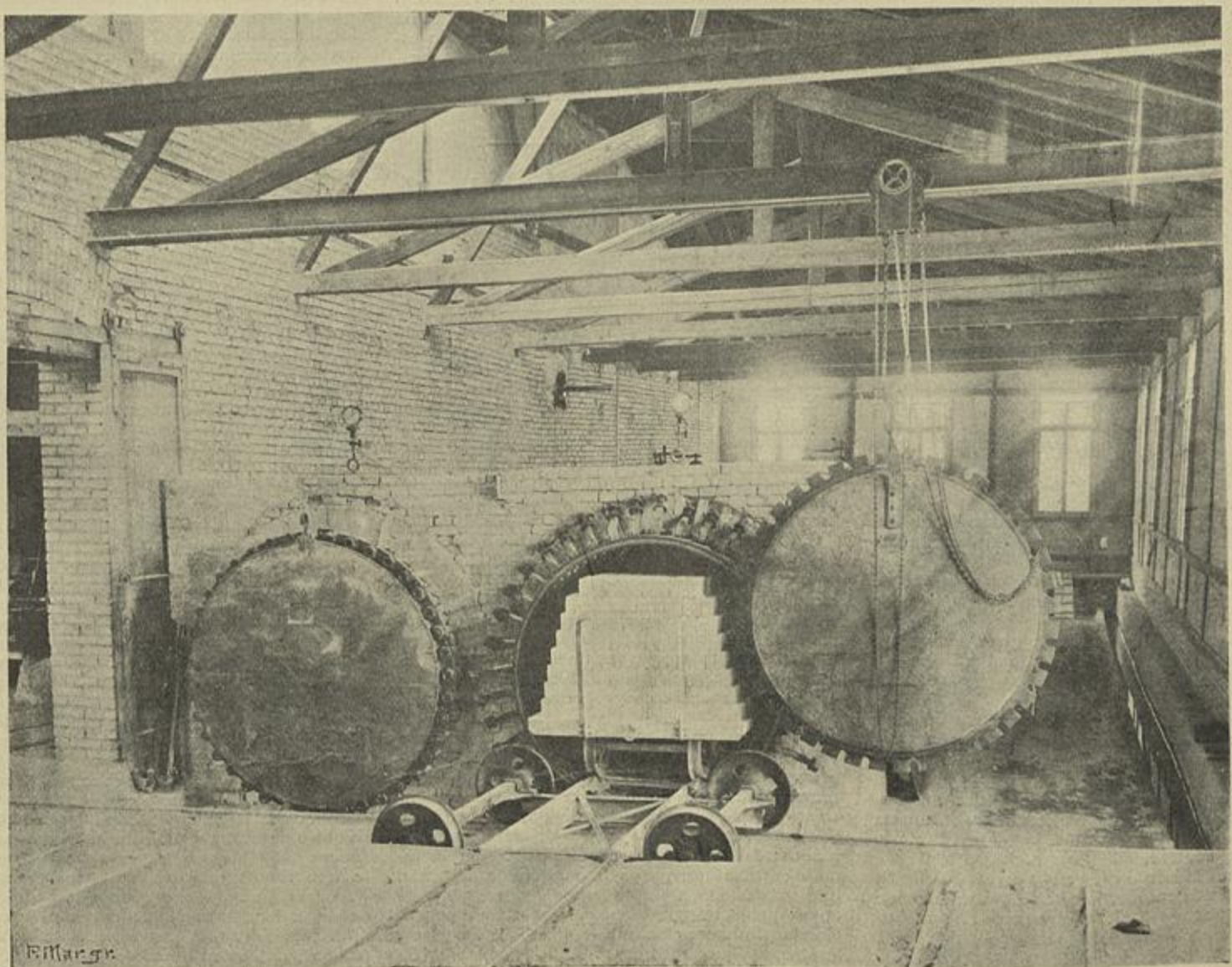
Era tambem largamente desenvolvido o ensino de linguas. Pela primeira vez em Portugal se professou o ensino do allemão, que teve cadeira especial no Castello; e alem d'esta se ensinavam as linguas latina, franceza e ingleza.

Juntamente com o allemão se ministravam al-

guns principios de contabilidade commercial, o que tudo constituia preparatorio para a *Aula de Commercio*, já estabelecida desde o tempo do marquez de Pombal.

Creou-se uma aula de anatomia, outra de principios cirurgicos e finalmente, como louvavel innovação em Lisboa, se estabeleceu uma aula de obstetricia.

Aqui findava o quadro esplendido das disciplinas professadas no Castello, mas foi muito mais longe o intendente no seu acrisolado affecto ao



FABRICA DE TIJOLOS SILICO-CALCAREOS — VISTA INTERIOR — OS CYLINDROS DE ENDURECIMENTO

estabelecimento que creára e ao desenvolvimento das sciencias e bellas-artes.

Para remate dos estudos, ministrados nas aulas da Casa Pia, mandavam-se os orfãos frequentar as escolas superiores não só de Lisboa e Coimbra, mas até do estrangeiro.

No hospital de S. José, onde já n'esse momento havia algumas aulas de medicina e cirurgia, iam os alumnos continuar os seus estudos d'essa sciencia. Mas, porque o intendente sabia que eram bem minguados entre nós, mesmo na Universidade, os conhecimentos da arte de curar, estabeleceu em Londres, Edimburgo e Copeague accomodações convenientes para receber os alumnos que mandou durante alguns annos para essas cidades, afim de se instruirem, nas respectivas universidades, nos segredos da sciencia medica. Em Copeague e Edimburgo se desenvolviam principalmente no estudo de obstetricia, que era ramo de cirurgia pouco profundo, até então, nas outras escolas.

D'esses paizes vieram depois os alumnos, tornados já medicos famosos, occupar nas differentes localidades do paiz os logares de *physicos* (era a designação que se dava então aos medicos) que a carencia de diplomados mantinha ha muitos annos vagos.

Frequentaram outros alumnos a Academia de Marinha e a de Fortificação, Artilheria e Desenho, por essa época inauguradas em Lisboa; a aula de pilotagem, as escolas regias de philosophia e grego, etc.

No Castello se creou uma aula de desenho, que ao deante tomou largo desenvolvimento e passou a ser denominada *Academia do Nú*.

Como pelo nome evidentemente fica indicado, havia n'essa academia uma aula destinada á copia de modelos vivos. Isto, que para a actualidade passa despercebido, constituia para aquella época uma innovação de tal modo arrojada, que só Pina Manique, com a quasi omnipotencia que possuia no reino, seria capaz de se abalançar a fazer. Ao mesmo tempo marca tal academia o inicio do estudo racional de desenho e pintura, libertado já das peias convencionaes que por tantos annos o tinham agrilhoado.

Esta escola, primitivamente estabelecida no Castello, passou pouco depois para as proximidades de S. Camillo de Leis, em Lisboa, a fim de se tornar mais accessivel aos muitos estudantes, extranhos á Casa Pia, que accorriam a ella.

Vem a proposito dizer que as aulas da Casa Pia foram, desde o seu começo, frequentadas por individuos externos, uso que se protrahiu até 1860, época em que começaram a ser exclusivas para os orfãos. E' mesmo de suppor que no Castello houvesse, a par dos orfãos desvalidos, e por conseguinte verdadeiramente azylados, outros alumnos pensionistas, isto é, creanças cujas familias pagavam para ali os terem. Pelo menos encontramos este facto em épocas posteriores.

Não se contentou o intendente com o largo desenvolvimento que na sua *Academia do Nú* havia dado aos estudos de bellas-artes.

Para complemento da educação artistica dos rapazes que mais se distinguiram pela sua habilitade, estabeleceu em Roma uma escola chamada *Collegio de Bellas Artes*, onde se formaram os mais habéis artistas pintores, gravadores e esculptores que tivemos n'esta época.

E na verdade estavam então bem pobres d'elles.

Para director e professor d'esta escola nomeou um artista de grande fama, chamado João Gerardo de Rossi, que elevou o *Collegio de Bellas Artes* á mais notavel culminancia. D'ahi saíram pintores distinctos como Francisco Vieira; Manuel Dias, Maximo Paulino dos Reis e principalmente o famoso Domingos Antonio de Sequeira, o maior pintor portuguez.

E' d'este ultimo o excellente quadro existente no palacio das Janellas Verdes, que Pina Manique mandou executar para commemoração inaugural da Casa Pia.

De Paulino dos Reis existem alguns quadros allusivos a solemnidades da Casa Pia, que actualmente se conservam nas salas d'este estabelecimento.

Produziu tambem a escola de Roma um gravador distincto, chamado Valle, que trabalhou na casa da moeda, e um esculptor, João José d'Aguiar, que foi uma celebridade do seu tempo.

Existe no Museu do Carmo uma estatua de D. Maria, burilada em marmore de Carrara por esse artista, e que chegou a Lisboa, segundo documento que tivemos á vista, em 3 de setembro de 1798.

Outros trabalhos de pintura e esculptura vieram de Roma e devem existir no palacio de Queluz.

Em Coimbra fundou o Intendente o chamado

Collegio de Sciencias Naturaes, onde viviam os orfãos que frequentavam as aulas da Universidade. Chegou a conter esse collegio sessenta e dois alumnos, e foram muitos os que alcançaram o bacharelato, e até bastantes se doutoraram.

Havia mais em Coimbra, como dependencia da Casa Pia, um recolhimento ou convento de religiosos de S. João de Deus Destinavam so estes religiosos, pelas regras da sua ordem e natural vocação, ao alivio dos enfermos, de quem eram desvelados enfermeiros. Pareceu ao intendente que muito melhor cumpririam seu voto d'assistencia carinhosa á humanidade aquelles frades que fossem medicos, e, para a realização de tão bello pensamento, fez matricular na Universidade os religiosos que manifestavam mais decidida vocação para o estudo e muitos d'elles alcançaram o bacharelato em medicina.

Outro ramo de bellas-artes lhe mereceu especialissimo culto e dedicados esforços—a musica. Pina Manique, pelas suas funcções de intendente, era o inspector de todos os theatros e divertimentos publicos.

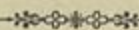
Aproveitando as amplas facultades resultantes d'esse encargo, concorreu poderosamente para a edificação e progressos do theatro de S. Carlos. Começou a construcção do theatro em 1793, e em poucos mezes abria as suas portas ao publico lisbonense, ansioso de ouvir boa musica.

Ainda antes da conclusão do theatro realisou o intendente um grande concerto musical n'um dos salões do Castello, para selemnisar o nascimento da princeza da Beira, filha de D. Carlota Joaquina. Cantou ahí Luiza Todi, uma das cantoras mais celebres do mundo.

No theatro de S. Carlos, ou por influxo d'elle, se formaram os nossos dois maiores genios musicos—Guilherme Cossoul e Marcos Portugal. D'este ultimo até se diz, falsamente, que foi alumno da Casa Pia. A protecção que lhe dispensava Manique daria por ventura motivo a tal asserção.

Tambem se vê por um documento que nos ultimos tempos da Casa Pia do Castello se estabeleceu uma escola musical que fornecia musicos para as bandas militares.

Estes trechos do elogio feito pelo sr. Cesar da Silva, fazem bastante luz, para que a ella se possa vêr mais claramente o valor de Pina Manique e o quanto elle contribuiu para a educação publica ha um seculo atraz, dotando o seu paiz com um estabelecimento de ensino tão complexo quanto pratico, e que pelos tempos fóra tem vindo desentranhando-se em preciosos fructos.



Congresso de leitaria, olivicultura e industria do azeite

EXPOSIÇÃO NA REAL TAPADA D'AJUDA

(Conclusão)

As installações especiaes eram reservadas aos gados e ás machinas oleícolas, que, como já referimos, estavam tambem disseminadas pelo Pavilhão Central.

Este recinto, devéras elegante e proprio para exhibições d'esta natureza, encerrava todos os machinismos, instrumentos e productos das duas industrias que constituíam o objectivo do congresso e da exposição—a dos azeites e a dos lactinios, ambas de enorme importancia para o futuro do paiz.

Para este pavilhão convergiam, pois, as attencões de todos os visitantes, atrahidos pelo desejo de avaliarem *de visu* o progresso d'esses dois ramos da tecnologia rural portugueza. E, com effeito, muito havia que admirar, não só pela profusão das machinas e dos productos, mas tambem, e muito especialmente, pela perfeição do fabrico, quer dos lactinios, quer dos azeites, uns e outros evidenciando enormes progressos na sua manipulação.

Na ligeira visita que fizemos a este recinto, pudemos notar as magnificas installações da Fabrica Nacional de Lactinios, do sr. Souza Monteiro, da Veiga de Sattam, que apresentava manteigas e queijos nacionaes de typos Cheddar e Flamengo, tudo disposto n'um lindissimo conjunto; da Vaccaria Normanda; da Escola Nacional d'Agricultura, que expunha, além de manteiga, queijos nacionaes e emitações estrangeiras, taes como queijo Romano, Serra, Victoria, Flamengo, Gouda (imitações de queijo Prato) e Quartiola (imitação do Camembert). Estas variedades de queijos foram fabricadas sob a direcção do sr. Michel Gramagna, pratico italiano contractado pelo governo.

O sr. Visconde de Nandufe expunha manteiga e queijo Flamengo e Prato.

D'entre as installações destacava-se, como a mais valiosa e interessante, a dos srs. Street & C.^a, que, como já notámos, facultava aos visitantes a apreciação dos machinismos mais modernos e perfeitos, empregados nas industrias dos azeites e dos leites, taes como decantadores, filtros, prensas, desnatadeiras «Lister», batedeiras, dessorador, malaxador de prato fixo e vasilhas para leite, tudo da marca «Lister».

O visitante podia assistir ao funcionamento de todos estes apparatus, manobrados com toda a pericia por uma ingleza, contractada pelos srs. Street & C.^a para ali fabricar manteiga, que era avidamente disputada pelos assistentes.

O jury encarregado de apreciar o material de leitaria concedeu aos srs. Street & C.^a o unico grande premio de honra, cinco medalhas d'ouro e tres de prata.

Muitas outras installações, habilmente dispostas, se destacavam n'aquelle riquissimo conjunto. Mencionamos entre ellas a dos srs. Robert Rogenmoser, que apresentava desnatadeiras, batedeiras e malaxadores «Corona»; Aktiebolaget Separator, de Stockholmo, desnatadeiras e batedeiras «Alfa Laval»; Melotte Separator Salles, Limited, desnatadeiras «Melotte»; Herbert W. Cassels, do Porto, desnatadeiras «Svea»; Burmeister & Wain, desnatadeiras, batedeiras e vasilhas para leite «Perfect»; Aktiebolaget Baltic Separator, de Stockholmo, desnatadeiras «Baltic» e «Dania»; Alves de Carvalho & C.^a (Irmão), de Lisboa, desnatadeiras «Teutonia», Melchiori Sordi, de Genova, desnatadeiras «Alfa Laval», malaxador «Sordi», vasilhas e utensilios de leitaria; Simon Frères, malaxador de prato rotativo; Colonia Agricola de Villa Fernando, cinchos para queijos; Francisco T. d'Almeida Proença, de Castello Branco, utensilios para queijaria.

Assaz completa e digna de especial referencia era a installação do sr. José de Castro Portugal, que exhibia todas as machinas e utensilios empregados na manipulação da manteiga e do queijo, que provinham da industria nacional, o que muito honra o distincto expositor, que desde ha annos vem evidenciando importantes esforços tendentes ao desenvolvimento d'aquella industria.

Importante era tambem a installação dos srs. John M. Sumner & C.^a, onde se notavam, entre outros apparatus, as desnatadeiras «Princeza Victoria».

Apontamos ainda as installações da casa Viuva Ferrão & C.^a, fabricante de bilhas e latas para azeite e azeitonas, latas para leite esterilizado e para manteiga; da Associação Protectora da Primeira Infancia, que expunha retratos das crianças creadas no lactario d'aquella benemerita instituição.

Os srs. J. J. Ribeiro & C.^a e dr. Hugo Mastbaum apresentaram curiosas e valiosissimas installações de apparatus para analyse dos leites e seus derivados. Offerece-se-nos agora enseo de alludir a duas conferencias feitas pelo dr. Mastbaum, no Pavilhão Central, sobre leites e suas falsificações, conferencias praticas, sobremaneira interessantes e que atrahiram grande numero de lavradores e de agronomos, ansiosos todos de ouvirem aquelle distincto chimico que, durante a sua já longa permanencia no nosso paiz, tem produzido trabalhos de alto valor, muitos dos quaes se encontram em publicações avulsas, largamente apreciadas.

No Pavilhão Central havia ainda a notar as innumeradas installações d'azeites, d'entre as quaes notamos a do sr. conde de Pinhel e as dos srs. dr. Pereira Guimarães e Lemos Junior; a exposição de variedades de batatas e de sementes de prados, da casa Cayeux & Le Clerc, de Paris, e Eduardo Placido, de Lisboa; adubos artificiaes, lãs, materias corantes solidas e liquidas para manteiga e queijo; linhagem e espartos, etc.

Sobresahia entre as installações a do sr. Carlos Correia da Silva, representante das casas constructoras das desnatadeiras «Melotte» e que expunha além d'estas um desfacelador d'azeitona.

Na exposição figurava tambem a Fabrica d'Aluminio de Villa Nova de Gaya.

A imprensa agricola fez-se representar brillantemente n'aquelle certamen, visto que ali tinha sido estabelecida uma secção para publicações. N'ella figuravam o *Boletim da Sociedade Portugueza de Medicina Veterinaria, Portugal Agricola e Revista Agronomica*, que receberam do jury respectivo a medalha d'ouro; *Gazeta das Aldeias, Carteira d'um Veterinario* (livro de J. M. Alves Torgo), que tiveram medalha de prata; *Boletim do Agricultor, Boletim da Real Sociedade Nacional de Horticultura e Folha de Torres Vedras*, que foram contempladas com a medalha de bronze.

Na impossibilidade de darmos a lista completa dos expositores d'azeites e de lacticínios, cujos productos mereceram altas recompensas por parte dos respectivos jurys, e desejando dar uma idéa ainda que muito breve da magnificencia dos productos expostos pertencentes áquellas riquissimas industrias, apresentamos apenas os nomes dos expositores aos quaes couberam os premios d'honra e as medalhas d'ouro, penalizando-nos sobremaneira a omissão que fazemos dos nomes d'aquelles que tiveram recompensas mais modestas. A escassez do espaço e a indole da nossa revista não nos permitem, porem, maior desenvolvimento.

Segue a lista dos expositores que foram premiados com o premio de honra e com medalha d'ouro.

AZEITES

GRANDE PREMIO DE HONRA

Alberto Fontes, *Ceia*; Domingos Tasso de Figueiredo, *Certá*; J. Michelin & J. Combemale, *Alferrade*; dr. Zeferino Falcão, *Constancia*.

MEDALHA DE OURO

Abel Fontoura da Costa, *Alpiarça*; Abel Hypólito, *Abrantes*; Alfredo Folgado Moreno, *Coruche*; Antonio Jacome da Costa, *Atalaya do Gavião*; Arthur Soares Brito, *S. Geão (Oliveira do Hospital)*; Carlos Augusto Xavier de Andrade, *Coimbra*; Casa Ficalho, *Serpa*; Conde da Folgosa, *Folgosa do Douro*; Conde da Guarda, *Lisboa*; Conde de Idanha-a-Nova, *Alcains*; Condessa de Penalva d'Alva, *Fatella*; Diogo Urbano Correia de Oliveira, *Moura*; dr. Eduardo Fernandes de Oliveira, *Serpa*; dr. Francisco A. d'Oliveira Feijão, *Santarem*; Jacintho Gonzalez Barreira, *Sobral de Moura*; João Carlos de Abrunhosa, *Castello Branco*; João Henriques Tierno, *Elvas*; Joaquim Nunes Correia, *Certá*; Joaquim Paschoal de Faria, *Moura*; José A. d'Oliveira Soares, *Evora*; D. José Augusto Galache, *Santarem*; José da Calça e Pina Camara Manuel, *Evora*; José Felix Pereira, *Chamusca*; D. José Gil de Borja Macedo Menezes, *Portel*; José Goncalves Bentes, *Serpa*; José Lopes Burgos, *Castello Branco*; José Lopes Flores, *Ferreira do Zezere*; D. Luiz do Rego, *Ega-Condeixa*; dr. Manuel Gil, *Torres Novas, Carrascos*; Manuel Mendes Veiga, *Gollegã*; Roberto Augusto Feio de Carvalho, *Ancião*; dr. Solano d'Abreu, *Abrantes*; dr. Vieira Guimarães, *Thomar*; Viuva Fernandes d'Oliveira & Filhos, *Serpa*.

AZEITONAS

GRANDE PREMIO DE HONRA

José da Conceição Guerra & Irmão, *Elvas*.

MEDALHA DE OURO

Abel Fontoura da Costa, *Alpiarça*; Alberto Fontes, *Ceia*; Antonio Joaquim Mendes, *Elvas*; Balthazar Borges Correia, *Pias*; Condessa de Penalva d'Alva, *Fatella*.

MANTEIGAS FRESCAS E SALGADAS

GRANDE PREMIO DE HONRA

João Diogo Cabral Mascarenhas, Povolide, Viçu; visconde de Nanduffe, Tondella.

MEDALHA DE OURO

Pinho, Soares, Leite & C.ª Macieira de Cambra; Almeida Reis & C.ª, Vouzella; Alexandre de Sousa Botelho, Campo Grande, Lisboa; Francisco Augusto d'Oliveira Feijão, Santarem; Luiz de Sommer, Lisboa; José Barbosa Vianna, Praia d'Ancora; Alfredo Mendonça & C.ª, Angra do Heroísmo; José Francisco Grillo & Irmão, Lisboa; Sousa Monteiro, Veiga de Sattam.

QUEIJOS

GRANDE PREMIO DE HONRA

Manoel Nogueira Ramos, Goes; Alberto Fontes, Torrozzello, *Ceia*; visconde de Nanduffe, Tondella.

MEDALHA DE OURO

José Domingos Fernandes, Beja; Francisco Tavares d'Almeida Proença; Luiz de Sommer, Lisboa; Alexandre Leite da Gama Bettencourt, Vellas, ilha de S. Jorge; João Borges Velho de Mello Cabral, Ponta Delgada.

LEITE ESTERELISADO E CONDENSADO

MEDALHA DE OURO

Associação Protectora da Primeira Infancia, Lisboa; Ferreira da Costa & C.ª, Lisboa; Societé Suisse d'Industrie Lactière, Lisboa; Societé des

Alpes Bunaies, Lisboa; Lapp & C.ª, Fribourg; Robert Rogenmoser, Fribourg.

O grande jury encarregado de apreciar os relatorios dos jurys parciaes conferiu os seguintes premios d'arte.

De Sua Magestade El-Rei, jarro de cristofle e prata, ao sr. Luiz de Sommer.

De Sua Magestade a Rainha D. Amelia, floreira de prata, ao sr. Alberto Fontes,

De Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, jarro de crystal e prata, ao sr. visconde de Nanduffe.

Da Real Associação Central da Agricultura Portugueza, magnifico fructeiro de prata cinzelada, no estylo manuelino, em alto relevo, ao sr. Alexandre Leite da Gama Bettencourt.

Da Camara Municipal de Lisboa, licoreiro de cristofle e vidro da Bohemia, aos herdeiros do Conde da Atalaya.

Concluindo este rapido esboço do congresso e da exposição de leitaria e de olivicultura, de novo felicitamos a direcção da Real Associação Central de Agricultura pela forma brilhante como realizou este grande certamen da lavoura nacional, para cujo progresso muitos e valiosos esforços esta associação tem empregado, mercê da actividade, intelligencia e acrisolado patriotismo dos seus directores.

Não queremos encerrar estes rapidos apontamentos sem registrar o concurso do distincto architecto sr. Rozendo Carvalheira, que dirigiu a construcção dos pavilhões, deixando ali assignaladas as suas poderosas facultades estheticas, evidenciadas por um requintado cunho artistico com sabor accentuadamente rural.



ROZENDO CARVALHEIRA

As nossas homenagens estendem-se tambem ao illustre agronomo, sr. Diogo de Castro Constancio que, com rara dedicacão e extraordinaria actividade, desempenhou o alto cargo de director tecnico da exposicão. De muito lhe valeu, justo é dizê-lo, a prestante collaboracão do distincto regente agricola, sr. Placidino Augusto da Silva Caldas, que, mais uma vez, demonstrou as suas qualidades de administrador exemplar, energico e profundo conhecedor de todos os ramos da agricultura.

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA

LITERATURA RUSSIANA

O TENENTE JERGUNOFF

POR

IVAN TURGENJEW

Emilia nunca lhe dava contas do que fazia ou do que deixava de fazer, e ás suas perguntas respondia ella sempre de modo evasivo e como se o não tivera ouvido. E, circumstancia muito mais agravante: uns certos aposentos da casa de madame Fritsche, casa que parecia aliás ser espaçosa, supposto que observada da rua apresentasse apenas o aspecto de um casebre, eram-lhe sempre vedados.

Apezar de tudo isto, a assiduidade por parte de Kusma Wassiljewitsch não abrandava; pelo contrario, as suas visitas tornaram-se cada vez mais frequentes; e nunca alli encontrava viv'alma. Li-songeava-lhe aliás a vaidade, a porfia por parte de Emilia em lhe chamar Florestan, e ao repetir-lhe ella que era um homem de formosura nada vulgar, afirmando-lhe que tinha uns olhos de ave do paraizo.

XI

Uma vez, em um ardentissimo dia de verão, esgueirou-se Kusma Wassiljewitsch á hora do jantar, havendo passado toda a manhã á torreia do sol a tratar com fornecedores e operarios, moído e estafado, e foi bater á portinha d'aquella casa tão sua conhecida.

Trupou á porta; foi admittido. Deu entrada na assim chamada sala de visitas, e atirou comsigo para cima do sofá. Emilia sentou-se a par d'elle e pôs-se a enxugar-lhe com o lenço a testa banhada com o suor.

— Vens tão cansado, meu amorzinho! Estás a escaldar! disse com modo compassivo. Valha-te Deus! Nem ao menos desabotoaste essa gola! santo Deus! como lhe bate o coração!

— Venho derreado de todo, minha joia, arquejou Kusma Wassiljewitsch. Estou em pé desde madrugada, e para mais ajuda, com este sol ardente a escaldar-me os miolos! Uma lastima! Eu a querer ir para casa, e aquella cafila de fornecedores a empatar-me as vazas. Mas aqui, em vossa casa, está fresco... sinto até invadir-me uma somnolencia...

— E d'ahi? Quem te péga? Deita-te e dorme, meu anjinho, ninguém virá estorvar-te...

— Isso era bem bom, mas as conveniencias...

— Ora, as conveniencias! Deita-te a dormir, que eu, entretanto... vou-te... como é que se diz em russo?... vou-te cantar a cantiga com que se embalam cá na Russia os meninos: *Baju, bajuska, baju!*... Dorme, dorme, meu menino, pegou ella a cantar.

— O que me appetecia agora era um copo de agua...

— Ah! tens um bom copasio, tão fresquinha!... e limpida como crystal!... Espera ahi, primeiro, vou-te pôr uma almofada debaixo da cabeça... E mais isto, por causa das moscas.

E estendeu-lhe um lenço sobre o rosto.

— Obrigado, meu cupidinho... E agora vou ver se passo pelo somno... uma migalhinha.

Kusma Wassiljewitsch fechou os olhos e adormeceu.

— «Dorme, dorme, meu menino», cantarolava a Emilia, bamboleando-se para cá e para lá, e rindo-se da canção de embalar meninos e dos seus meneios.

— Que creança tão taluda eu aqui tenho: dizia comsigo. Que *tamanhão!*

(Continúa).

M. MACEDO.

NECROLOGIA

JOSÉ RIBEIRO VIEIRA DE CASTRO

Falleceu do dia 4 do corrente em Fafe, sua terra natal, o sr. José Ribeiro Vieira de Castro, uma das individualidades mais distinctas na finança e no commercio da segunda cidade do reino.

Director da Companhia dos Carris de Ferro do Porto e da Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe, a qualquer d'estas empresas prestou relevantes serviços com a sua fina intelligencia e vigorosa actividade.

Tendo estado no Brasil, onde adquiriu bons meios de fortuna, regressou a Portugal por 1870, e em vez de gosar essa fortuna sem preocupações e trabalhos, como tantos fazem, o seu animo não lhe consentiu a ociosidade, e antes se dedicou a novas empresas, por que isso estava no seu genio trabalhador e activo. Da sua intelligencia e actividade são testemunho as companhias de Carris de Ferro do Porto, e de Fiação e Tecidos de Fafe.

Foi elle a alma d'essas empresas, que muito lhe devem.

Vieira de Castro soube nobilitar o seu nome pelo trabalho intelligente, como o tornou querido pelos actos de benemerencia de seu character bom e honrado.

A prova está no sentimento com que toda a cidade do Porto recebeu a noticia da sua morte, assim como em Fafe, onde falleceu.

O sr. José Ribeiro Vieira de Castro, era pae dos



JOSÉ RIBEIRO VIEIRA DE CASTRO

srs. Americo Vieira de Castro, engenheiro e subgerente da Companhia Carris de Ferro do Porto, e dr. Armando Vieira de Castro, advogado, e irmão do sr Ezequiel Augusto Ribeiro Vieira de Castro, respeitavel negociante e presidente do Centro Commercial do Porto.

D. RAYMUNDO VILLAVERDE
MARQUEZ DE POSO RUBIO

No dia 16 do corrente noticiou o telegrapho a morte do marquez de Poso Rubio, D. Raymundo Villaverde, que ha pouco deixara a presidencia do governo hespanhol.

Uma congestão cerebral victimou em poucas horas o notavel estadista hespanhol, chefe do par-

tido conservador, muito dedicado á monarchia, de que deu sobejas provas na sua curta, mas importante carreira politica.

Morreu na força da vida, respeitado por amigos e por adversarios, que reconheciam o seu talento e qualidades de character apreciaveis.

Villaverde affirmou a sua energia, quando governador civil de Madrid, reprimindo os tumultos dos estudantes e restabelecendo a ordem, o que mais chamou sobre elle a attenção da corôa, que em 1903 o encarregou de formar governo, tendo elle já sido ministro do reino, no gabinete presidido por Canovas.

O seu governo foi sério, de politica moderada, visando a aproveitar bem todas as forças economicas do paiz, e a modificar as despezas com a marinha e com o exercito, incompativeis com a



MARQUEZ DE VILLAVERDE

situação da Hespanha. O partido militar não se conformou com estas medidas governativas e isso preparou a queda do gabinete Villaverde, a que succedeu Maura.

Villaverde voltou ultimamente ao poder, mas o seu governo foi de pouco tempo, vencido pela colligação dos partidos liberal e republicano.

A morte de Villaverde deixou Maura só em campo como chefe do partido conservador.

Rectificação

Por confusão sahiu errado o nome do fallecido general Claudio de Chaby, em o numero antecedente, o qual deve ser Claudio Bernardo Pereira de Chaby, e não como ali se lê

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 444, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

PHOTOGRAPHIAS

A Redacção d'O OCCIDENTE aceita photographias de todos os assumptos de interesse e de actualidade, tanto de Portugal como do Estrangeiro, as quaes **serão publicadas, vindo acompanhadas das indicações indispensaveis para o respectivo artigo.**

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE
REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

TERRA ALHEIA

CONTOS DE MAXIMO GORKI e DE DICKENS—EDGARD POÉ—MAUPASSANT
DAUDET—ANNUNZIO—MALOT—ARENE, ETC.

Traduzidos por Henrique Marques Junior
Prefacios de Brito Rebello e Albino Forjaz de Sampaio

Um elegante volume de bella leitura, illustrado com 24 retratos
300 réis, pelo correio 320 réis

Á venda na Empresa do OCCIDENTE, Lisboa
e nas livrarias



MAXIMO GORKI

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO
— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

PHOTOGRAPHIA FERNANDES

NOVIDADE EM RETRATOS DE CRIANÇAS

REPRODUCCOES — AMPLIACOES

Trabalhos fóra do atieir

Photographias de animaes, paisagens, Jardins,
Interiores, etc., etc.

Lisboa — Rua do Loreto, 43 — Lisboa

LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur— Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

